



umanitas

71

MARAGLINO, Vanna (ed.), *Riccio o volpe? Uno e molteplice nel pensiero degli antichi e dei moderni*, 138 pp., Bari, Cacucci Editore, 2016, ISBN 978-88-6611-542-7

Sob a batuta de Vanna Maraglino, este volume apresenta sete estudos, resultantes das Jornadas Internacionais realizadas pelo *Centro Interuniversitario di Ricerca di Studi sulla Tradizione*, em Bari a 31 de Março de 2014². Um breve prefácio assinado por Olimpia Imperio reconhece a fertilidade epistemológica do tema para o estudo das Humanidades, apresentando sumariamente cada uma das contribuições do volume e sinalizando algumas chaves de leitura para esta antinomia da raposa e do ouriço, desde Aristóteles, Plutarco, Erasmo até à moderna crítica literária.

O mote que deu origem ao título do volume *Riccio o volpe? Uno e molteplice nel pensiero degli antichi e dei moderni* foi o aforismo de Arquiloco «πόλλ' οἶδ' ἀλώπηξ, ἀλλ' ἐχῖνος ἔν μέγα» (fr. 201 W): “A raposa sabe muitas coisas mas o ouriço sabe uma grande”, que Erasmo de Roterdão também acolheu no Renascimento nos seus *Adagia* de 1500, sob a forma *Multa nouit uulpes uerum echinus unum magnum* numa *amplificatio* do mesmo didactismo. Esta sentença tão lacónica quanto enigmática é um terreno fértil na análise da dialéctica monismo e pluralismo: dimensões que não se excluem mas antes se fortificam mutuamente numa cultura complexa, multiforme e multimodal da matriz ocidental. A tradição proverbial é assim desenvolvida, desde logo, na contribuição proémica do volume “Il riccio e la volpe nella tradizione proverbiale”, de Renzo Tosi, numa perspectiva paremiográfica.

O verso do poeta lírico grego deu título a uma obra paradigmática do incontornável Isaiah Berlin *The Hedgehog and the Fox: An Essay on Tolstoy's View of History*, publicada em 1953, que está sob escrutínio na segunda contribuição do volume, de autoria de Marco Caratozzolo “Il riccio e la volpe di Isaiah Berlin: un'antinomia dostoevskiana”. A oposição é clara: de um lado alinham-se Platão, Lucrécio, Dante, Pascal, Hegel, Dostoevsky, Nietzsche, Proust na representação do ‘riccio’, dada a visão central de um sistema coerente e organizado com regras norteadoras do sentir e do pensar segundo um princípio único e universal; do outro lado configuram-se Heródoto, Aristóteles, Erasmo, Montaigne, Shakespeare, Molière, Goethe Puskin, Balzac, Joyce na figura da ‘volpe’ por perseguirem muitos

² <http://www.uniba.it/ricerca/centro-interuniversitari/studi-sulla-tradizione>.

fins, sob várias formas em diversas experiências, tantas vezes desconexas e contraditórias e nem sempre reguladas por um princípio ético-moral esclarecido. O autor vai dirimir a fluidez destas categorias hermenêuticas, em particular da que é imputada ao autor da *Guerra e Paz*, redimensionada pelo estudo de Mikhail Bakhtin na sua visão “polifônica” do romance. Esta antinomia unidade/multiplicidade reverbera na tradição russa, uma cultura que tende para uma fractura com a *Weltanschauung* ocidental, ao mesmo tempo que espelha igual capacidade de conciliação dos opostos. Na esteira do fragmento de Arquíloco, o autor evoca ainda, pertinentemente, o poeta simbolista Fedor Sollogub (*La vole e il riccio*, 1883) e a breve fábula de Samuil Marsak (*Il riccio e la volpe* de 1954). Tolstoi e Dostoevsky são confrontados neste artigo, numa leitura escudada na perspectiva de George Steiner. Tolstoi vem na continuidade de uma tradição épica em que a vida é uma corrente integrada na orgânica una do mundo, em contraponto, enquanto Dostoevsky é a expressão e o corolário de uma visão trágica do homem na sua vertigem e desarmonia com o mundo. A argumentação finda com a consideração perorativa de que o mundo de Dostoevsky é representado pela pluralidade e desagregação da família, com conseqüente isolamento do indivíduo, em fuga da sua própria condição.

O estudo seguinte é apresentado por Bernhard Zimmermann, “Zwischen Fuchs und Igel oder Probleme der Literaturgeschichtsschreibung: ein Werkstattbericht aus der Arbeit am Handbuch der griechischen Literatur der Antike”, um dos curadores do monumental *corpus* de historiografia literária e da recente obra *Handbuch der griechischen Literatur der Antike*. O autor analisa a figura da raposa e do ouriço na história da literatura grega, numa metodologia aturada, gizando a multiplicidade das formas e das manifestações de géneros, autores, épocas, eventos distantes no tempo e no espaço.

O trabalho seguinte, de Douglas Olson, com o sugestivo título “Ricostruire commedie perdute: uno sguardo da riccio”, disponibiliza um apêndice com trechos dispostos por ordem alfabética do título grego. A primeira secção reserva-se para a reconstrução do livro I de Heródoto, subdividindo-se da seguinte forma: uma primeira parte para as Histórias e costumes dos Lídios e uma segunda parte para os costumes dos Persas. A II secção do Apêndice reúne um conjunto de fragmentos das comédias sobreviventes de Aristófanes, organizadas também por ordem alfabética dos títulos gregos: os *Acarnenses*, as *Rãs*, a *Paz*, os *Cavaleiros*, as *As Mulheres que celebram as Tesmofórias*, as *Mulheres na Assembleia*, *Lisístrata*, as *Nuvens*, as *Aves*, *Pluto*, *As Vespas*.

De Aristófanos regredimos, aproximadamente, um século até Heraclito que nos surge pela voz de Glenn W. Most no artigo “Eraclito tra volpi e ricci”. O autor coloca a tónica sobre a seguinte questão: devemos adaptar-nos às circunstâncias mesmo que isso implique um esforço contrário à nossa natureza ou devemos manter-nos resistentes em prol da fidelidade à nossa essência? Na formulação de Arquíloco não é despreciente a disposição sintáctica das palavras, que inequivocamente coloca a ênfase sobre o segundo termo, o ouriço. No entanto, se o leitor espera obter aqui uma inclinação ou um veredicto desengane-se porque esta emblemática oposição representa um dilema irresolúvel, que atravessa toda a nossa cultura ocidental, desde a Antiguidade. O autor do artigo salvaguarda isso mesmo e chama a atenção para a tradição épica passando por Teógnis, Píndaro, Tucídides, detendo-se em particular no pré-socrático Heraclito, sobre quem publicou recentemente uma obra a quatro mãos com André Laks, a propósito da dialéctica unicidade/multiplicidade no pensamento do filósofo pré-socrático. O autor procura uma apresentação equilibrada: ‘sia come volpe sia come riccio’.

Os dois artigos que encerram a obra poderiam ter sido esgrimidos a par. O de Mauro Tulli, “Astuzia e forma letteraria: Platone” debruça-se sobre a ideia de unidade e diversidade em Platão, com referências a *Teeteto*, *Crítias*, *Fedro*, *Apologia de Sócrates*, *Fédon*, *República*, *Timeu*, *Banquete* e *Leis*. O trabalho de Mario Vegetti – “Platone o l’unità impossibile” – tece considerações sobre a multiplicidade inerente à pólis, numa Atenas democrática dominada por muitos, tantas vezes flutuante no entendimento do bom, do bem e do belo. Nesse sentido, a veleidade, a turbulência intelectual, social e retórica, alegorizam-se na figura da raposa, pela sua astúcia, mobilidade e capacidade mimética. Tal não invalida, porém, a presença do ideal de unidade, subordinado a um princípio primeiro e absoluto: a ideia do Bem, epónima da verdade. O esforço platónico radica precisamente na tentativa intemerata de unificação ontológica e epistemológica qual *reductio ad unum*, segundo as palavras do autor: «se la grandezza di un filosofo si misura tanto dai suoi fallimenti quanto dai suoi successi, allora Platone è stato sicuramente, al tempo stesso, un grande riccio e una grande volpe.

A obra remata com um *index nominum* e *index locorum*, uma mais valia para qualquer leitor. Em suma, deparamo-nos com uma *dispositio* lógica e coesa, uma estrutura coerentemente articulada, mesmo sem seguir qualquer critério diacrónico. A clareza e a perspicácia de que se reveste(m)

a(s) leitura(s) do aforismo de Arquíloco, nas suas múltiplas dimensões – semântica, filosófico-pragmática, literária, retórico-política – consubstanciam o mérito da publicação, validando o vigor e a perenidade desta alegoria na Cultura Ocidental e funcionando como estímulo aos estudos de teoria literária e aos estudos de recepção.

ANA ISABEL CORREIA MARTINS

Pós-doutoranda da Fundação para a Ciência e Tecnologia
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
anitaamicitia@hotmail.com
orcid.org/0000-0002-5425-9865
https://doi.org/10.14195/2183-1718_71_8

RAFFAELLI, Renato & Tontini, A. Alba (coord.), *Lecturae Plautinae Sarsinates XVIII. Stichus*, 112pp., Urbino, QuattroVenti, 2015, ISBN 978-88-392-1000-5

No dia 27 de Setembro de 2014 decorreu em Sársina, na sede do *Centro Internazionale di Studi Plautini*, a XVIII edição da *Lectura Plautina Sarsinatis*, dedicada desta vez à peça *Stichus*. Do encontro resultou esta publicação, editada em 2015. Na “Presentazione” (pp. 7-8), C. Questa e Renato Raffaelli, fazem uma síntese do programa do evento: apresentam uma resenha do encontro do ano anterior, cujos resultados constituem o volume XVII desta série, sobre a *Rudens*, e que acabara justamente de ser editado; dão a notícia de que R. Raffaelli, em consequência de se reformar da vida académica, deverá também abandonar do cargo de Diretor do referido Centro, com um agradecimento especial aos colaboradores; fazem uma síntese dos trabalhos da XVIII *Lectura* e, finalmente, anunciam a XIX, para 2015, sobre a peça *Trinummus*.

Na habitual rubrica desta série, “A proposito dello *Stichus*”, Raffaelli parte do argumento inicial em acróstico para fazer uma análise do enredo tendo em mente a comparação com outras peças. Este texto encontra-se compilado, juntamente com a análise dos argumentos das outras peças, num outro livro, também a cura di Renato Raffaelli, *TuttoPlauto. Un Profilo dell'autore e delle commedie*. (Urbino, QuattroVenti, 2014, pp. 128-132)

Na secção das “Relazioni” encontram-se quatro contribuições. A primeira, de Maria Cristina Zerbinì, propõe-se tratar “Io è un altro: